



## GT 017. Antropologia das Relações Humano-Animal

Andréa Barbosa, Osório Sarandy (UFF) - Coordenador/a, Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA) - Coordenador/a

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal "real"; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tráfico, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislativas, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

### A pesca do boto

**Autoria:** Olavo Ramalho Marques

Neste work, apresento uma pesquisa etnográfica acerca das práticas dos pescadores artesanais na chamada "pesca do boto" ou "pesca com o boto" na Barra do Rio Tramandaí – modalidade de pesca em que lançam mão de tarrafas (redes circulares) e pescam tainhas em conjunto com os golfinhos-nariz-de-garrafa, popularmente chamados de botos pela população local. Este work é produzido em meio a um amplo projeto de pesquisa e extensão realizado por uma equipe composta, entre professores e estudantes de graduação e pós-graduação, por biólogos, cientistas sociais, geógrafos e profissionais da área do desenvolvimento. Apresenta-se aqui considerações sobre tal prática a partir da produção de imagens em vídeo visando à construção de um documentário etnográfico que valoriza as narrativas, os saberes e percepções ambientais de pescadores artesanais, em suas relações com os botos. A pesca, reconhecida como "pesca cooperativa", se dá onde a foz do rio Tramandaí junto ao Oceano Atlântico compõe um estuário que delimita a fronteira entre Tramandaí e Imbé, municípios do Litoral Norte do Rio Grande do Sul/Brasil e que fazem parte da rede urbana reconhecida oficialmente como Aglomeração Urbana do Litoral Norte. Cenário sui generis que condensa as características territoriais do Litoral Norte - em termos de tecido urbano, densidade habitacional, verticalização das construções, planos de desenvolvimento urbano, sociabilidades e usos para turismo e lazer -, a Barra se configura como fronteira física e simbólica entre as cidades. São cidades pequenas, com processos acelerados de transformação urbana e marcadas por uma ocupação sazonal muito diferenciada, já que a região atrai milhares de turistas e veranistas vindos da capital e outras regiões do estado nos meses de verão, nos quais a população total pode chegar ao triplo da população permanente. Nesse contexto, a pesca da tainha envolve técnicas e saberes que atravessam gerações de pescadores (e botos). Os pescadores, em suas narrativas biográficas, remontam a memórias e trajetórias de vida que conduzem à compreensão de uma singularidade identitária enquanto grupo - são pescadores artesanais "de tarrafa", que pescam "com o boto" - e enquanto portadores de saberes únicos: quanto aos botos (seu comportamento, suas relações intergeracionais, suas reações quanto às ações humanas), bem como quanto ao ambiente (seus ventos,



marés, ciclos das águas) e suas transformações, especialmente quanto aos problemas e conflitos envolvidos nas dinâmicas sazonais e no crescimento urbano. Assim, em termos da projeção de futuros, ganha especial relevo em suas reflexões uma dramática em torno das (im)possibilidades de perpetuação desta prática.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

